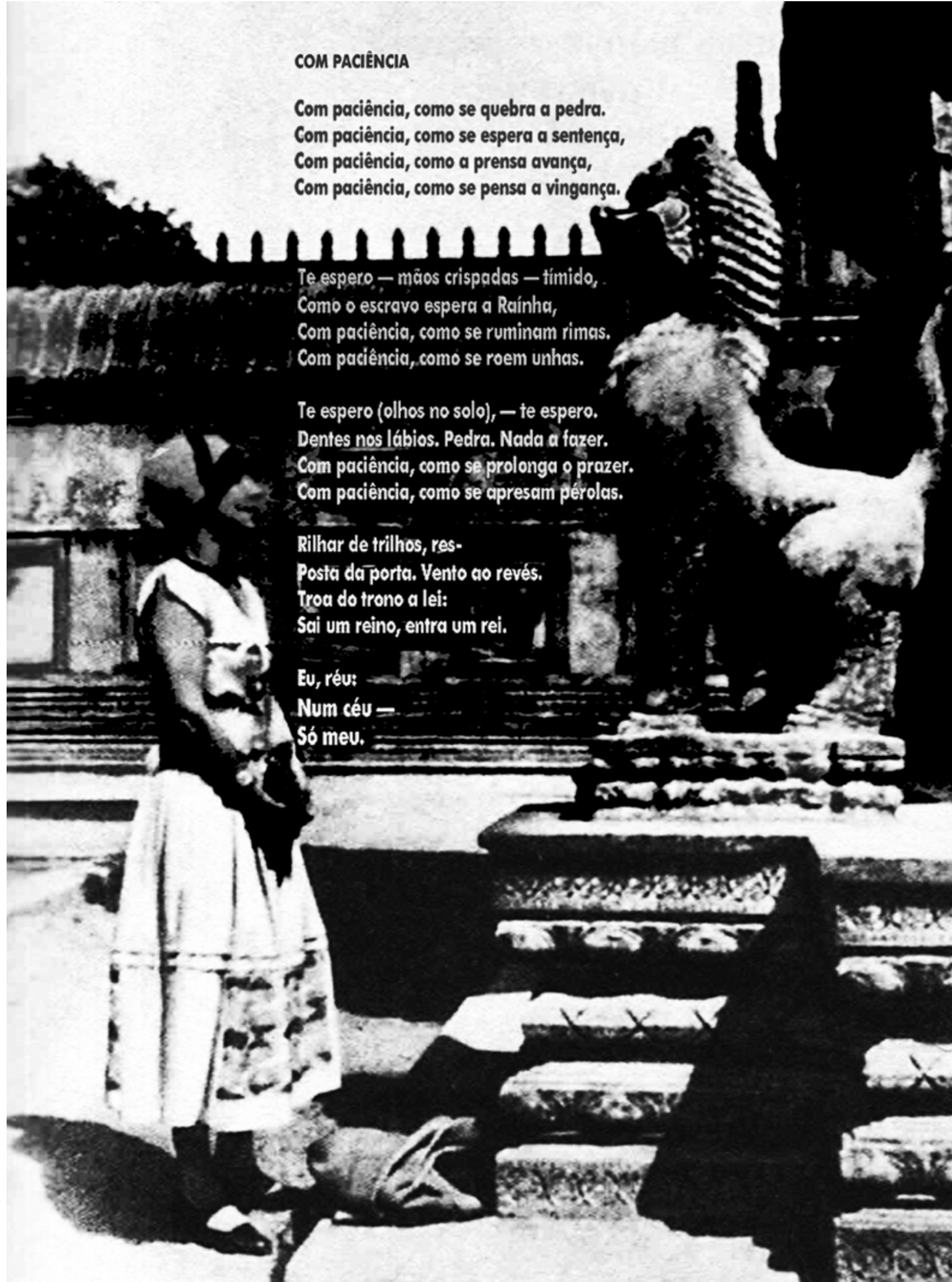


TRADUÇÃO DE POEMAS DE MARINA TSVIETÁIEVA POR AUGUSTO DE CAMPOS

TRANSLATION OF POEMS BY MARINA TSVIETÁIEVA BY AUGUSTO DE
CAMPOS

Marina Tsvietáieva
Tradução por:
Augusto de Campos

Tradução dos poemas "Vivo não morto", "Com paciência" e "Psiquê", da poeta russa Marina Tsvietáieva (1894-1941). Os dois primeiros foram inscritos em fotos da autora, reelaboradas graficamente, e PSIQUÊ sobre um perfil de Tsvietáieva, de autoria de Elizabeta Sierguéieva Kruglíkova (1865-1941).



COM PACIÊNCIA

Com paciência, como se quebra a pedra.
Com paciência, como se espera a sentença,
Com paciência, como a prensa avança,
Com paciência, como se pensa a vingança.

Te espero — mãos crispadas — tímido,
Como o escravo espera a Rainha,
Com paciência, como se ruminam rimas.
Com paciência, como se roem unhas.

Te espero (olhos no solo), — te espero.
Dentes nos lábios. Pedra. Nada a fazer.
Com paciência, como se prolonga o prazer.
Com paciência, como se apressam pérolas.

Rilhar de trilhos, res-
Posta da porta. Vento ao revés.
Troa do trono a lei:
Sai um reino, entra um rei.

Eu, réu:
Num céu —
Só meu.

**Vivo, não morto
O demônio em mim!
No corpo — ou num fosso,
No osso — ou no fim.**

**O mundo — se emura.
Saída — machado.
("O mundo — um teatro",
O ator murmura).**

**E o bufão não joga
Bromas quando trama.
No corpo — ou na fama.
No corpo — na toga.**

**Viva! longa vida!
À saúde! — Vive!
(Só o poeta em carne
Viva sobrevive!)**

**Não, não é uma festa,
Irmãos "imortais",
Na corpo sob a veste
Provecta dos pais.**

**Merecemos mais.
Chama-nos a chama.
No corpo — na lama.
No corpo — currais.**

**Aqui não se vela
Bagatela rala.
No corpo — na cela,
No corpo — na vala.**

**No corpo — desterro
Ultimo — Enterro!
No corpo — ou na cripta,
No rosto — no rictus**

Da máscara de ferro.



PSIQUÊ

1

Não sou intrusa, estou em casa.
Não sou serva — não peço comida.
Sou tua paixão, tua paz.
Teu sétimo céu, tua sétima vida.

Na terra, não me dariam nada.
Pedras no pescoço — condenada.
Você não sabe, amor? Você não vê?
Sou teu pássaro — Psiquê !

2

Toma, docura, os meus destroços —
a suave carne que amavas,
Extinta, cinzas até os ossos.
Só me restam duas asas.

Veste-me de teu esplendor.
Perdoa o que me existia.
Pobres podres pedaços — Do-
a-os à sacristia.